

The background is a solid red color. It features several thin, black, hand-drawn style lines that are abstract and fluid. These lines curve and loop across the page, creating a sense of movement and organic form. One large loop is on the left side, and another is at the top. The lines vary in thickness and direction, some crossing each other.

RELACIONAL

Beth Lopes

Buscamos as ideias que impactaram o nosso universo teatral. Encontramos em Nicolas Borriaud, o filósofo francês, uma leitura das artes na contemporaneidade, com a proposta da Estética relacional, em que ele argumenta que as propostas artísticas se dão mais como encontros do que como obras prontas. De outro lado, a pesquisadora de teatro alemã Erika Fischer-Lichte¹, afinando-se com essas ideias, considera que o teatro experimentou um desvio performativo nos anos 60, transformando em evento a obra acabada, o que significa que o mais importante, para os dois, são as relações que se constituem entre os indivíduos que dela participam, tanto artistas quanto público. Isso é extremamente significativo para compreender o teatro hoje e mesmo para dimensionar o papel dele na educação. Desse modo, os dois trazem outra faceta implicada nas relações produzidas entre os indivíduos, numa prática artística, que é a “experiência”, questão que tem permeado todos os campos de conhecimento como uma possibilidade de valorizar os procedimentos da produção artística e, por que não, pedagógica. Assim, citando mais uma vez Fisher-Lichter, é mais importante passar pela experiência do que interpretá-la, essa tarefa clássica do teatro. Desse ponto de vista, entre os espectadores e artistas existe uma tentativa de alinhamento dos que partilham das experiências estéticas, linguagens e culturas híbridas, comportando-se ao ritmo das constantes renovações da vida e da influência da cultura de massa predominante na sociedade de consumo em que vivemos.

Vivemos: Assim, o universo das artes da cena e sua relação com a experiência de tempo e espaço contemporâneos não podem ser pontuados sem a noção do filósofo italiano Giorgio Agambem, que diz que “é verdadeiramente contemporâneo aquele que não coincide perfeitamente com este, nem está adequado às suas pretensões e é portanto, nesse sentido, inatual; mas exatamente por isso, exatamente através desse deslocamento e desse anacronismo, ele é capaz, mais do que os outros, de perceber e apreender o seu tempo”.²

¹ FISCHER-LICHTE, Erika. *The transformative power of performance*. London and New York, Routledge, 2008.

² AGAMBEN, Giorgio. *O que é contemporâneo? E outros ensaios*. Chapecó, Editora da Unochapecó, 2009, pág. 58.

A questão, portanto, gira em torno das relações, sejam estéticas e/ou políticas, tornando-se central para a compreensão do espaço a que pertencem os corpos que interagem física e emocionalmente em direção à construção de um futuro mais humano.

